O ACASO NA SÍNTESE HIPERFÍSICA DE TEILHARD DE CHARDIN

Romano Rezek, OSB

Teilhard jamais escreveu algum estudo sobre o acaso. Sua visão do mundo é hiperfísica(1). Mas se tivermos a paciência de ler seus escritos, publicados ou inéditos(2), verificaremos com espanto que sua síntese hiperfísica(3) compreende vastas dimensões nas quais podemos descobrir o acaso objetivo e o acaso subjetivo(4).

I.
A definição do acaso

1. *O CONCEITO*

Meditando sobre a fé cristã, Teilhard nos dá uma espécie de definição do acaso: "O *Acaso,* isto é, os encontros imprevisíveis devidos ao jogo *coletivo* das forças cósmicas" ... (Le *Hasard,* c'est-à-dire les rencontres imprévisibles dues au jeu *collectif* des forces cosmiques...) (0/12/352/2)(5). Os dois adjetivos (*coletivo* e cósmicas) nos indicam imediatamente o caráter hiperfísico dessa definição. Estamos numa cosmo*gênese,* numa bio*gênese* e numa antropo*gênese* que acentuam, como veremos mais adiante, o desenvolvimento sempre mais intenso dos seres concretos. Podemos deduzir daí, mas esta não é contudo nossa intenção, toda uma teoria "do acaso e da necessidade" no universo em evolução. Não pretendemos senão apresentar o problema.

Teilhard conhece bem as definições dos dicionários e dos léxicos sobre o acaso. Podemos dar uma pequena amostra, uma vez que Teilhard emprega vários sinônimos, sempre porém em um sentido hiperfísico. É justamente esta quase diríamos "elevação" do termo *acaso* que tor-

na a visão teilhardiana do mundo aparentemente complicada. Contudo, sua concepção evolutivo-hiperfísica confere um sentido muito real ao *acaso* e à *necessidade.*

Em francês, a palavra *hasard* se prende ao árabe *az-zahar* que significa *dado,* o jogo de dados, envolvendo, pois, o sentido de risco, perigo. Assim o "hasard" passou a ter um sentido de combinação imprevisível de circunstâncias independentes de nós. No acaso, nosso livre arbítrio "não participa do jogo", — uma vez que o acaso não pode ser previsto. Trata-se de uma chance, de um destino, de uma sorte, de uma eventualidade, de um acontecimento cuja causa fictícia é atribuída ao cálculo das probabilidades. Poderíamos citar ainda vários sinônimos de *contingência* e de *casualidade* usados por Teilhard em francês (e encontrar *outros* no decurso de nosso estudo):

> bone (ou mauvaise) fortune, chance, accidents, incidentes, destinée, hasard, mon sort, raisons accidentelles, situation de choix, risques, pari, probabilité, improbabilité, forces anonymes, contacts inattendus, contingence, jeu des événements, Casus, Nemesis, Fatum, jouet, l'enjeu, fromidable invraisemblance, suprême improbabilité, fatalités, narrow escape (em inglês dans le texte de Teilhard), etc. etc.

2. *TEILHARD E O TOMISMO*

Uma vez que alguns pensadores supõem que a definição teilhardiana do acaso é de caráter aristotélico-tomista, é conveniente examinar rapidamente o que *Aristóteles* e *Santo Tomás de Aquino* nos ensinam sobre o acaso. Isto nos mostrará que a concepção teilhardiana não é, como se pretendeu, "une conception tout à fait aristotélico-thomiste".

Aristóteles opõe o termo [phýsis] (natureza que age para uma finalidade) aos termos [tuké] e [autómaton]. Cada atividade realizada em virtude de um fim produz acessoriamente alguns efeitos que não estão compreendidos na finalidade prevista (p.e. o barulho produzido por um carro em movimento é um efeito acessório). O conjunto de tais efeitos acessórios constitui a *túké* e o *autómaton.* Aristóteles define o acaso como uma causa acidental de efeitos não previsto ou acessórios que se revestem da aparência da finalidade. (*Füsica,* 197ª 5, 12, 22.) Na visão do mundo de Aristóteles o *espontâneo* é o que se move por si mesmo, e o *fortuito* é o que procede de um conhecimento absoluto, de um livre arbítrio. Os dois termos (*túké* e *autómaton*) significam aquilo que se faz por acaso no que se refere aos seres dotados de *vontade.* Esses seres *livres* podem ter medo do acaso ou podem desejá-lo.

Santo Tomás de Aquino define assim aquilo que é *casual* (acaso, for-

tuito, hasard): "In quantum aliquis effectus ordinem alicuius causae particularis effugit, dicitur esse casuale vel fortuitum respectu causae particularis; sed respectu causae universalis dicitur esse provisum". Em resumo, isto significa que quando o efeito foge da ordem de uma causa particular, dizemos que se trata do casual, do fortuito que é, contudo, sempre previsto por uma causa universal. (Cfr. *Summa Theologica,* I.qu. XXII., a.2.ad 1.). Temos ainda outra definição do Aquinate: "Casus est id quod provenit ex alicuius agentis actione praeter intentionem ipsius: dicitur a casu vel fortuna accidere", isto é, o acaso é aquilo que provém da ação de um agente, independentemente da sua intenção. Diz-se, então, que algo acontece por acaso ou fortuna. (Cfr. *Gent.* III 3,5,6.) — Ainda uma terceira definição do Doutor Angélico: "Casus invenitur in omnibus illis quae sub sole sunt", o acaso se encontra em todos os seres terrestres. (Cfr. *Summa Theol.,* I.qu. CIII., a.5.ad 1.). É bem claro que Santo Tomás de Aquino se interessa muito mais pela *causalidade* do que pela *casualidade* e nunca elabora um sistema sobre o acaso.

O conceito de acaso em Aristóteles e em Santo Tomás de Aquino *não poderia* se aproximar nem mesmo do cálculo da probabilidade de *Pascal,* nem de uma visão evolutiva de *Teilhard de Chardin,* nem de uma *teoria das mutações,* e nem do novo conceito de acaso proposto por *Jacques Monod* (6).

3. *OBJETIVIDADE OU ANIMISMO?*

Deixando de lado as definições subjetivas do acaso que se baseiam sobre opiniões pessoais, interesses individuais ou coletivos, perguntemo-nos, se a definição teilhardiana é objetiva, isto é, corresponde ou não aos próprios fatos? Citemos só dois protótipos da definição objetiva do acaso (cfr. pp. 404-410 do *Vocabulaire de la Philosophie* de André *Lalande,* 6ª ed. revue et augmentée, PUF, Paris, 1951):

— "O acaso é o concurso de fatos racionalmente independentes uns dos outros". Esta definição de *Cournot* destaca o caráter de um acontecimento realizado pela combinação ou pelo encontro de fenômenos que pertencem a séries independentes na ordem de causalidade.

— "Um acontecimento vem do acaso, quando não existe nenhuma ligação entre a natureza de sua categoria e a causa determinante desta categoria". Esta é a definição de *De Montessus* que põe em relevo os acontecimentos pelos quais se verifica a lei dos grandes

números.

É lógico que *Lalande,* como qualquer um, pode criticar tais definições, uma vez que *nós mesmos* constatamos que aqueles fatos são "racionalmente independentes" (na definição de *Cournot*), ou que "não existe nenhuma relação entre aquela natureza e a causa determinante" (na definição de *De Montessus*).

E na definição dada por Teilhard? Constatamos uma grande procura de objetividade, porque Teilhard põe em relevo "os encontros devidos ao jogo *coletivo* das forças cósmicas". Mas uma palavra, nesta definição teilhardiana também é *inevitavelmente relativa* à nossa experiência, ao nosso conhecimento. De fato, Teilhard diz que aqueles encontros são "imprevisíveis", isto é, escapam da *nossa* previsão. Poderíamos responder imediatamente que o que *não* é previsto ou o que é *im*previsível não pode tornar subjetivo o nosso conhecimento. A resposta de Teilhard é mais profunda, mais hiperfísica: "Não existe um fato puro, mas qualquer experiência, por mais objetiva que pareça, fica inevitavelmente envolvida num sistema de hipóteses, desde que o sábio procura formulá-la". (0/1/22/2.) E ainda: "As observações mais objetivas estão todas impregnadas de convenções escolhidas de início, e também das formas ou maneiras habituais de pensar desenvolvidas no decurso do processo histórico de Investigação... Objeto e sujeito aliam-se e transformam-se mutuamente no ato de conhecimento. Quer queira quer não, o Homem encontra-se e olha-se a si próprio em tudo o que vê". (0/1/26/3.) — Definitivamente, o próprio conceito da *verdade* teilhardiana é profundamente autêntico: "A verdade nada mais é que a coerência total do Universo em relação a cada ponto dele mesmo. Por que suspeitar ou subestimar esta coerência, porque somos nós os observadores? Opõem sem cessar uma não sei que ilusão antropocêntrica a uma não sei que realidade objetiva. Esta distinção não existe. A verdade do Homem é a verdade do Universo para o Homem, isto é, a Verdade simplesmente". (0/6/71/2.).

Não tocando nas experiências científicas de *Jacques Monod* (ele recebeu o Prêmio Nobel da Biologia Molecular), devemos responder à sua opinião de que Teilhard é animista:

— Monod, em nome do "postulado consubstancial da ciência", reconhece "o caráter teleonômico dos seres vivos", porque "nas suas estruturas eles realizam e seguem um projeto". (Cfr.: *Le Hasard et la Nécessité,* essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne. Aux Éditions du Seuil, Paris, 1970, 197 p. — A p. citada: p.

33.; veja também a nossa nota sobre Monod: nota 6.).

– Mas Monod chama "animistas" aqueles que "se referem a um princípio teleonômico *universal,* responsável pela evolução cósmica e pela evolução da biosfera, no seio da qual a telenomia se exprimiria, portanto, de uma maneira mais precisa e mais intensa" (p. 39).

– Não pertence a nosso assunto a razão que permite a Monod chamar animistas as Engels, Marx, etc. – mas devemos responder a sua posição sobre Teilhard (cfr. as pp. 44-46 e 130, do livro de Monod): "Teilhard ensina (como eu suponho)... que a biosfera e o homem são produtos atuais da força de ascensão evolutiva... Esta evolução deve continuar até o ponto ômega, onde toda a energia será concentrada... Desta maneira, Teilhard, o animista, vê na evolução o majestoso desenvolvimento de um programa inscrito no próprio decurso do Universo".

Monod diz muito honestamente que *ele supõe* o que diz sobre Teilhard. De fato:

– Teilhard nunca falou de um "princípio telenômico *universal*" suposto por Monod. Quando queria distingüir a face material e a face psíquica dos seres vivos, falou de duas espécies de energia: a energia "tangencial" e a energia "radial" à qual se refere Monod.

– Teilhard deu "o nome de *Ortogênese*" à ascensão da vida, "no seio da qual os termos *se sucedem* experimentalmente, segundo valores constantemente crescentes de centro-complexidade" (0/1/11-115). Chamou a vida "um processo que se dirige a si mesmo", – do ponto de vista *científico.* E apresentou, de maneira científica, esta "subida de consciência".

– Quando Teilhard queria *sintetizar* "os diferentes e sucessivos planos de conhecimento de nosso espírito (0/1/186, nota 1), isto é, os níveis científico, filosófico e teológico que *organicamente se completam no saber humano integral,* quase sempre prevenia seus leitores ou ouvintes desta sua intenção. – Esta visão sintética é uma das características mais impressionantes da sua obra, e mostra, de maneira genial, o papel de complementariedade da ciência e da religião. (Cfr. nota nossa 3).

– Teilhard critica, várias vezes, as concepções *científicas* finalistas. Escreveu p.e. o *Prefácio* para o livro de *Jean Montassey:* "Évolu-

tion et Finalité" e teve a coragem de declarar que Montassey é finalista e comete "o erro pueril de falar do 'élan vital" da Evolução" (1/5/42-43). — Na sua recensão do livro de *Francois Meyer:* "Problématique de l'Évolution", recusou "a explicação *a priori* matemática da 'sintropia', isto é, do progresso evolutivo da convergência" (I/5/51/10.és I/5/52/2.), aceitar do que "no fundo dos acontecimentos físicos ocasionais... aparece a convergência dos acontecimentos anti-ocasionais... Eis *a ortogênese...* na deriva majestosa dos vivos... rumo à improbabilidade organizada" (I/5/51/6 6-7). — Teilhard, no terreno científico, sempre ensinou a "autotransformação dos seres vivos", uma certa "polarização rumo à maior complexidade e consciência", "a influência de algumas forças psíquicas no progresso evolutivo" (cfr. I/6/39-40/4., recensão de um "Colloque scientifique sur l'Évolution"). Tudo isto seria um "animismo", como *supõe* Monod?

— Finalmente, vale a pena mencionar que paradoxalmente, por causa da "supervalorização do acaso", *Eigen* e *Winkler* caracterizam a doutrina científica de Monod "uma certa visão do mundo animistica" (cfr. o livro intitulado "O jogo. Leis naturais orientam os acasos"). — Risum tenete!...

II.

O acaso — nos escritos de Teilhard

1. *O JOVEM TEILHARD SONDA OS SEGREDOS DA VIDA*

Na primeira guerra mundial, Teilhard, "o sacerdote-enfermeiro" (*caporal brancardier*), até mesmo nas trincheiras medita o eterno problema (à maneira de Monod, mas num nível teilhardiano): "O caso concreto, preciso é o seguinte: *sob que ação,* pressão... algumas moléculas se agruparam em um protoplasma? acaso utilizado? 'artifício'? pré-ação? *LEI físico-química* v.g. de envolvimento *coincidindo* com as experiências psíquicas? Ação de vida difusa 'organizando' a matéria, i.é, *self-organização* da matéria, cuja *imanência é um impulso para a consciência?* Que forma fenomenal de *germe* da *vida?* em toda parte ou localizada? (D/43., 25 de fevereiro de 1916).

Um pouco mais tarde, no estudo *La Vie cosmique,* ele elabora uma primeira resposta: "Qualquer que seja o elemento que eu tomo por acaso na multidão que fervilha, se eu o confrontar com um outro, tomado igualmente por acaso, devo dizer que num e noutro elemento... se esconde uma identidade real, a identidade do Éter" (0/12/26/

3. — (Teilhard ainda definiu assim: "... l'Éther dont le centre unique partout répandu est la matière première, insécable malgré qu'immense, de tout ce qui pousse dans le vaste Cosmos", ibid.).

Antes do ponto crítico da hominização, "a Evolução natural era... orgânica e sobretudo fatal", mas "ela se tornou sobretudo psicológica e consciente" (0/2/73-74.) — Mas num organismo tão vasto como o Universo, uma multidão de boas vontades e de recursos permanecem inutilizados, e uma infinidade de abortos é o preço de alguns êxitos: "A verdade sobre nossa condição neste mundo é que *nós aqui estamos crucificados*". (0/12/76-77)(7).

Se no caso das leis físicas, "o arbitrário tem sua fonte no confronto das experiências" — como Teilhard escreve em seu primeiro estudo hiperfísico (p. 6 da revista dos jovens jesuítas, estudantes de filosofia, manuscrito, num só exemplar, intitulado *Quodlibeta,* Nº 2., Juin 1905; veja in *Opus Scientifique* de Teilhard, tome I., pp. 1-30. — in 1/5/2-8.: *De l'arbitraire dans les lois, théories et principes de la Physique*), — *o acaso* se caracteriza de maneira totalmente diferente. Mas se *o arbitrário* se encontra no trabalho científico *simplificador,* na outra extremidade da atividade humana (no trabalho social e político) não temos o direito de atribuir *ao acaso* a verdadeira responsabilidade: "Tais ou tais fenômenos históricos, não são exageradamente caprichosos, demasiadamente impulsivos... Nós não podemos situá-los entre os jogos imprevisíveis do acaso..." (0/12/90/2.) — "A pesquisa científica, da sua parte, é *um Dever sagrado...* e a Ciência não floresce graças a um acaso feliz" (0/12/102/1.) — O homem segue "uma tendência secreta que o faz adivinhar, através da indeterminação, qual é a verdadeira feição dos seres materiais... E mesmo nesse caso se trataria de definir o sentido da palavra 'véritable', — o que não é fácil". (In *Quodlibeta,* Nº 2., Juin 1905, na nota final, p. 30). — Nós, leitores de Teilhard, podemos esperar que "a Fé no Mundo" e "o amor de Deus" se harmonizem "no mesmo sujeito" /em Teilhard/ numa proporção que "por pura chance... se opere espontaneamente"? (0/12/105, nota 13. Veja *Le Christique* de 1955, último estudo de Teilhard, 0/12/93-117., sobretudo a p. 117).

Quantas vezes Teilhard, por um triz, escapou do perigo de morte: "L'Âme du Front" renasce sem cessar em sua alma, nos escritos (p.e. *La nostalgie du Front,* 0/12/225-241). "Naquele que se eleva, empoeirado e incólume, depois da explosão vizinha de uma granada, por que esta exaltação jubilosa do coração, esta alegria da vontade, este perfume novo da vida, que nós, de modo nenhum, experimentamos,

quando nos livramos de ser apanhados por um trem ou da bala perdida de um revólver? Será somente a alegria de *'sobreviver'* que enche assim a alma dos que escaparam da guerra, rejuvenescendo seu mundo? — Penso, de minha parte, que o sabor inédito de viver que vem depois de um perigo iminente... se prende sobretudo a esta intuição profunda de que a existência reencontrada, consagrada pelo perigo, é uma existência nova. O bem-estar físico que se espande na alma, naquele instante, significa a Vida superior na qual acabamos de ser batizados. Entre os homens, aquele que passou pelo fogo, constitui uma outra espécie de homem..." (0/12/238/3.)

Esta "outra espécie de homem" é totalmente diferente "dos homens de hoje que vivem ao acaso, sem se procurar e sem se amar..." (0/12/271/5.), ou que "mesmo neste século... vivem ao sabor das circunstâncias, sem outra finalidade que o pão cotidiano ou a velhice tranqüila". (0/12/272/2.) — O homem teilhardiano sabe muito bem que "mesmo a mais espiritualizada das não substâncias está inteiramente a mercê dos assaltos cegos das potências inferiores que ela não dominou totalmente nas suas origens". (0/12/206/5.) Mas este fato orienta suas vistas para "o Centro de Convergência da Vida"; e uma vez que o homem teilhardiano possui uma exigência irredutível de somente se consagrar a uma obra de duração eterna" (cfr. 0/12/207/3), Teilhard, em face dos assaltos cegos das potências inferiores, ele que os adversários chamam simplesmente (que desonestidade "intelectual"!) "um otimista ingênuo", verifica que "nenhum fator experimental da Evolução pode explicar que nossa Humanidade devesse vingar; e nenhuma garantia imanente ao Progresso existe para assegurar para o futuro esta Humanidade contra qualquer cataclisma absurdo". (0/12/206-207).

Em presença desta radical contingência, encontramo-nos diante de uma alternativa:

— ou renunciamos apanhar, em torno de nós, qualquer vestígio do absoluto, e só veremos, em toda parte, uma enorme concorrência de chances (mas isto é contrário a nosso instinto intelectual mais elementar e também ao nosso desejo irredutível de nos consagrarmos a uma obra duradoura!);

— ou bem... procuraremos "um princípio de êxito, isto é, uma Finalidade extrínseca, uma Providência!" (0/12/207/2-3.)

... E uma vez que "a infabilidade 'dos grandes números' deixa intacta

a nossa ansiedade sobre o futuro"..., a promessa do futuro... "unicamente um Poder dominador do tempo e do acaso pode construí-la e nô-la oferecer". (0/12/207-208.)

2. *O PROBLEMA E O MISTÉRIO DO ACASO*

A Fé que opera (in 0/12/335-361.) é um dos mais importantes estudos teilhardianos, do ponto de vista do *problema* e do *mistério* do acaso. Antes e depois da redação desta meditação profunda, ele sempre verificou que "é coisa terrível ter nascido, isto é, encontrar-se irrevogavelmente arrebatado, independentemente da vontade, numa torrente formidável de energia que parece querer destruir tudo o que ela envolve em si". (HU/29/2., na *Messe sur le monde,* Ordos, 1923).

Na *Fé que opera,* ainda uma outra constatação, agora sobre o presente e o futuro: "O Real que deve vir, nos aparece como que formado por uma intrincada rede de causalidades (ou de antecedentes)... O Futuro parece entregue às forças do *Acaso.* Todas as reservas ativas do Mundo parecem engajadas em um jogo... Ora, qual é o cacife desta partida, considerada de nossa parte, senão nós mesmos?" (0/12/339/2.) — Citemos, paralelamente, uma frase do *Phénomène Humain* (0/1/255/2.): "Nessa grande partida nós somos os jogadores e, ao mesmo tempo, as cartas e o cacife... Vale a pena tal jogo? ou somos nós engajados?..."

Esta situação terá um sentido? — "Em face da impalpável atmosfera de chances, através das quais será preciso nos sustentar e encontrar nosso caminho, sentimos perspassar em nós um estremecimento que nos prende à beira de um rochedo escarpado e sem nenhum parapeito. — Como conseguimos subir tão alto? Como nos conservamos sem cair? — Como puderam se juntar os inumeráveis determinismos dos quais nós somos a interferência, e como eles não se desfazem em cada instante de nossa vida? — Para que se formasse a Terra e se desenvolvesse a Humanidade e viesse ao mundo a minha frágil pessoa, que acúmulos de encontros favoráveis, geometricamente crescentes na sua improbabilidade, foram necessários! São cada vez mais débeis os fios com os quais é tecida a minha existência, desde a vibração inicial dos movimentos cósmicos até o encontro de meus pais!... E teria sido suficiente que um único desses fios se rompesse para que meu espírito jamais despertasse para a existência!" (0/12/339/3-5.)

O que teria unido e conservado tudo isto?... Olhando para trás e para baixo, nós "experimentamos repentinamente a angústia de nossa ex-

trema complexidade; e se nos afigura que vamos nos desintegrar, de tal modo nos vemos a nós mesmos *inverosimeis*" (0/12/340/2.)

Seria possível uma resposta? — "Os únicos caminhos fixos que percebo são os traços desumanos de certas leis das probabilidades. Assim como o Acaso surge de um conjunto de determinismos agrupados, assim também um determinismo de segunda ordem nasce do encontro de todos os Acasos". (0/12/340/12 — 341/1.) — Estas palavras nos facilitam a compreensão da única linha que Teilhard escreveu no mês de setembro de 1915, isto é, três anos antes do texto acima citado: "(dix libertés (mises ensemble) font un déterminisme (la *pluralité, par elle même,* mécanise)": dez liberdades (reunidas) fazem um determinismo (a *pluralidade, por si mesma,* mecaniza). (D/22.)

Teilhard enumera muitas expressões (não soluções, mas simples palavras) ... para "caracterizar" o acaso: "Némesis; deusa dos Conjuntos; *Casus; abismo da Necessidade* no fundo *do abismo da Contingência; Fatum;* Duração irreversível; destino inevitável; dupla face da Fortuna caprichosa; água movediça e tempestuosa" ... etc. (0/12/341-343.) — E Teilhard sabe que "nenhuma fatalidade imanente nos conduz ao sucesso" (in BT., citação de uma carta de 28 de dezembro de 1919, na nota 28. da p. 76/2; cf. *Genèse d'une pensée*/203/2.)

Como *a fé natural,* evitando a resignação passiva (estóica, fatalista ou preguiçosa) pode, pela nossa energia, fixar a mobilidade e dominar os determinismos? ... E por que é *possível* chegar a isso? — "Isto é *possível* pelo seguinte fato: até aqui o Universo conseguiu progredir. A alma humana surgiu no meio caótico das chances. Isto porque o Espírito conseguiu, de algum modo, dobrar as improbabilidades e se liberar dos determinismos (ao menos na medida em que os determinismos precisassem ser dominados para que o Acaso fosse vencido). Por mais inverossímil que nos pareça, uma *'pré-ação'* direta sobre o Futuro e uma emancipação ao menos parcial dos mecanismos materiais são modos de ação existentes em nosso Universo... O problema fundamental cuja indagação deve estimular a pesquisa intelectual, é este: *'Encontrar o segredo de caminhar com segurança e liberdade para o Futuro'*". (0/12/344/5.)

A grande esperança de dominar *científica* e *totalmente* o Futuro ("para que, um dia, o Acaso, o Mal e mesmo a Morte possam ser eliminados, graças a uma ação calculada, exercida *de fora,* sobre a engrenagem da Natureza"), — Teilhard está seguro disto, — "supõe uma concepção especial (estática e materialista) da Natureza". Teilhard

recusa um tal cientificismo do século passado, mas constata que "a adesão à doutrina da salvação pela Ciência equivale a um ato de fé". (0/12/345/3.: "une sorte de religion": uma espécie de religião).

Mas se "nós despertássemos os determinismos *por dentro,* por meio de alguma influência viva, mental, ... psíquica e voluntarista, ... para nos libertarmos do Acaso e do Irreparável, ... pela nossa ousadia e nossa tenacidade em disciplinar a Chance... Não seria o Acaso semelhante ao ar implacável e fugidio, sob uma brisa muito lenta, denso e consistente, quando nele se projetam grandes asas?" (0/12/346-349.) — Teilhard analisa e, até certo ponto aprecia as diversas formas da fé natural, mas ao mesmo tempo ele as refuta, "porque as esperanças entrevistas pela Fé natural brilham, em realidade, num plano totalmente diferente daquele no qual ela as procura, — e que por isso, são inacessíveis para ela". (0/12/350/1.)

Sem o conhecimento da hiperfísica teilhardiana, ficaríamos *(num primeiro momento!)* perplexos diante da apresentação da fé cristã: "Quando lemos o Evangelho sem idéia preconcebida, percebemos, de maneira indubitável, que Jesus veio nos trazer não apenas verdades novas sobre nosso destino, não somente uma vida nova superior àquela da qual temos consciência, mas também com muita realidade, novo poder físico de agir sobre o nosso Mundo *temporal*". (0/12/350/2.) — Como Teilhard teve a coragem de constatar um tal poder? Ele nos responde com simplicidade: "Fundamentalmente, o cristão recebeu de seu Salvador o poder de vencer a Fortuna, isto é, de tornar as chances favoráveis para si mesmo. Sem isso, impossível compreender a eficácia da oração. Sem isto, não tem sentido a expressão: *Credenti omnia convertuntur in bonum.* A Escritura, neste ponto, é clara". (0/12/351/1-2. — cfr.: Rom. 8, 28; no estudo *La Vie cosmique:* 0/12/57.; na meditação *Forma Christi:* "... convertuntur 'in Christum'" (0/12/374/2.; numa carta de 2 de dezembro de 1915, in GP/102/1.; na carta de Páscoa de 1927: "... un Univers sur-animé par Notre-Seigneur".)

Contudo, mais além desta afirmação que tem sua fonte na fé (: "o cristão recebeu de seu Salvador o poder de vencer a Fortuna"), Teilhard esclarece, de maneira hiperfísica, as relações da ciência e da fé: "No único sistema de eventos que constitui o estado do Universo em um dado momento, ... cada um possui realmente *seu* Universo, do qual cada um é o centro e é chamado a harmonizar *como se fosse o único, in natura rerum* /na natureza dos seres concretos/ ... Graças a esta 'polivalência' do Cosmos, cada um de nós, pela sua oração ...

pode modificar *seu* futuro, ... sem perturbar, de nenhum modo *cientificamente* demonstrável, o curso dos acontecimentos naturais" (0/12/351-352.) — O domínio da ciência experimental se limita aos detalhes dos acontecimentos naturais do "Kosmos" — diria hoje São Paulo, — isto é, aos fatos verificáveis do mundo presente, visível e material, enquanto que a fé "atual" no "Oikouménè", isto é, no mundo das relações entre pessoas, na "realidade escatológica" que o Cristo prepara a partir de seu triunfo pascal. Neste sentido profundo, a ciência "não poderia interferir na fé que age de modo a modificar o desenho total da tapeçaria /do 'Oikouménè/, sem cortar em particular nenhum fio /do 'Kosmos'/". (0/12/352.)

É assim que Teilhard chega à definição já citada por nós e à explicação do *Acaso* que ele, aliás, escreve com maiúscula: "O *Acaso,* isto é, os encontros imprevisíveis devidos ao jogo *coletivo* das forças cósmicas, deixa de escandalizar a razão; representa, ao contrário, — reserva, poderíamos dizer — o lugar de Deus na direção do Mundo. Por ele (e também, no pólo oposto, pela liberdade humana? /sic!/ se insere no Universo o Poder criador, cuja característica é agir tratando sinteticamente os Conjuntos (isto é, põe em jogo *coletivamente* as causas)". (0/12/352/2.) — Tudo se torna mais claro e mais sólido na "polivalência do mundo (Oikouménè), na realidade "pluri-providencial": o movimento dos acontecimentos é visto "de modo descendente", isto é, a partir dos resultados animados, hiper-animados. Considerada neste sentido, *a desordem das chances* se ordena. Visto "a partir de Deus que nos reconduz a Ele mesmo" (0/12/353/1.), o mundo nos manifesta não somente uma certa orientação evolutiva que a ciência pode comprovar, mas também "uma Finalidade (proporcional à nossa Fé) que dá à sua instabilidade aparente uma coerência superior àquela do Passado" ... É *neste* sentido de *Bergson* (sentido muito mais amplo!) que Teilhard escreve: *"Tudo que se encontra aqui em baixo se mantém pelo que está no alto".* — "A Fortuna não se molda necessariamente em nosso caminho, *de acordo com a nossa vontade,* mas segundo uma certa necessidade... Neste sentido somente o cristão, pela sua Fé, vence a Fatalidade. Mas esta vitória já não é um êxito enorme e inesperado?" (0/12/355/1.) ... "Todas as aparências do Mundo inferior /= Kosmos/ permanecem as mesmas (e os determinismos materiais, e as vicissitudes do Acaso...) ... Tudo permanece sem mudança nos fenômenos /do Kosmos/ e tudo se torna, entretanto, luminoso, animado, capaz de amar /porque hiper-animado pela atmosfera do Oikouménè/" ... (0/12/359/6.)

Antes de descobrir a influência cósmica do Cristo no Universo, a pri-

meira "Realidade universal" que se apresentou a seu espírito "no domínio das Potências divino-terrestres, foi *a Vontade de Deus,* concebida como uma Energia especial, difundida em todos os seres para os mover e os ordenar", ... e que "suprime o Acaso". (0/12/436-437.)

Bem entendido, comparada ao nível reflexivo humano, a vida animal é apenas "uma matéria relativa, inferior, mais obscura, mais fatal", mais submissa às vicissitudes do Acaso (cfr. 0/12/454.). Mas é apenas no nível de Elias que o homem, "na sua fé transbordante", se abandona "ao Sopro que arrebata o Universo" e onde "a imensidade cega e selvagem se torna expressiva e pessoal". (0/12/477.)

O leitor de Teilhard, depois dessas visões "estranhas" lhe pergunta espontaneamente: quais são, pois, as formas da atividade divina no universo? Teilhard consagra um estudo especial para responder a esta indagação ingênua (0/10/33-45.): "Imaginemos uma esfera e no seu interior um grande número de molas comprimidas umas pelas outras. Concedamos, de outra parte, a essas molas, a faculdade de espontaneamente se contrairem ou de se distenderem a seu talante. — Um tal sistema pode representar o Universo, e a multidão das atividades solidárias umas com as outras que o compõem, o movimento do mesmo Universo... Uma energia nova, posta em ação no sistema, é impossível de ser localizada: ela exerce exatamente a função de Acaso... Assim se manifesta a nós outros (do ponto de vista estritamente experimental) a Providência no Mundo. A mão de Deus não está nem aqui, nem ali. Ela movimenta todo o conjunto das causas, sem se manifestar em nenhuma parte". (0/10/36-37.) — "A Sabedoria Divina se manifesta, pois, como "o Destino ou a Fortuna. Seria ocioso indagar se uma tal disposição nos agrada ou não: *ela aí está,* eis o fato". (0/10/37/1.) — "A causa primeira não se confunde com os efeitos: ela age sobre as *naturezas* individuais e sobre o movimento do *conjunto.* Deus, propriamente falando, *não age:* Ele *faz agir* as Coisas. Eis porque por onde Ele passa, não há nenhum rompimento, nenhuma rasura. A rede dos determinismos permanece intacta, — a harmonia dos desenvolvimentos orgânicos se prolonga sem dissonância. E, entretanto, o Mestre entrou na sua própria casa..." (0/10/38/2.) — Eis como Teilhard nos apresenta "como a ação divina é sempre encoberta pelo acaso, pelo determinismo, pela imanência". (Ibid.) — É por isso que Teilhard critica alguns cristãos que "ficam perplexos, quando alguém lhes mostra — ou que as leis da Providência se decompõem em determinismos e em acasos, — ou que o corpo humano supõe uma série imensa de desenvolvimentos orgânicos anteriores. Esses católicos negam os fatos, ou se sentem aturdidos diante deles. Isto é um grande erro. As

análises da Ciência e da História são muito freqüentemente exatas; mas elas nada subtraem da onipotência divina, nem da espiritualidade da alma /que/ são realidades sintéticas /e cujos/ elementos esperam exatamente delas a sua animação". (0/9/61/3.)

3. *"O ACASO METODICAMENTE EXPLORADO"*

A ciência descobre fatos controláveis. Mas ela sem cessar indaga: "Há um único sentido na evolução biológica, ou uma visão objetiva das coisas nos deixa perceber apenas um entrelaçamento irregular de ramos que crescem por acaso?" (0/3/34-35.) — "Pelo jogo de que forças fomos nós, experimentalmente, produzidos? — Depois de muitas experiências e de estudos científicos, Teilhard ensina a essência do transformismo: "Os seres vivos não estão justapostos artificialmente uns em relação aos outros, ... mas eles estão ligados, em virtude de condições físicas, ... na realidade de um mesmo esforço na direção do 'ser-mais' /evoluídos, mais perfeitos/" (0/3/37/2.) — Ele sabe que são as circunstâncias atmosféricas, a qualidade das camadas terrestres, o ar bem seco etc. que conservaram tal ou tal ossada de um animal; mas ele declara com alegria: o acaso salvou para nós esta pequena parte física /de tal ou tal animal/. A questão mais importante ultrapassa bastante as descobertas meramente "físicas". A verdadeira questão é hiperfísica: há aí uma atração infalível que, ultrapassando desde o início os caprichos do acaso, continua a criar uma realidade superior? — através de nossas almas? É o exemplo do *Sinanthropus Pekinesis* que nos mostra muito bem esta síntese (na inteligência "poli-dimensional", isto é naquela que une os pontos de vista científico, filosófico e teológico) que *une* o acaso (os encontros imprevisíveis devidos ao jogo *coletivo* das forças cósmicas), as descobertas científicas *metodicamente* realizadas, a meditação *filosófica* que completa a reflexão *hiperfísica* e *teológica.* — Eis uma pequena amostra:

"Toda descoberta, sobretudo em Paleontologia, tem sua parte de chance. No caso do *Sinanthropus,* é bom notar que esta parte é reduzida ao mínimo. Aquilo que se iniciou com um acaso, foi terminado metódica e pacientemente. A descoberta do *Sinanthropus* não é, como se poderia crer, o resultado feliz de um golpe de foice. Ela representa e resume três anos de um trabalho sistemático e persistente". (0/2/87/2.) — Teilhard cita os nomes dos pesquisadores, as datas e os lugares (as diversas "localidades" de Choukoutien) do trabalho sistemático; mas ele sabe muito bem que o primeiro crânio quase completo foi descoberto por uma enorme chance — alguns minutos *antes* do término oficial de uma das etapas de busca. E "o *Sinathropus* nos

ajuda muito felizmente a melhor compreender como, em formas sucessivas, o tipo humano pode se formar no seio do resto da Vida". (0/2/95/2.) Mas Teilhard acrescenta uma outra dimensão: "Para apreciar, mesmo cientificamente o prodigioso acontecimento que representa, na história da Terra, a aparição do Pensamento... devemos olhar em uma nova direção /eis o ponto de vista hiperfísico!/: a solução científica do problema humano não se determina, absolutamente, pelo estudo dos fósseis, mas por uma consideração mais atenta das propriedades e das possibilidades que, no Homem de hoje, permitem prever o Homem de amanhã". (0/2/95/2.)

Alguns anos mais tarde, Teilhard apresenta, do seguinte modo, os mesmos fatos (0/2/105.): "Os restos do *Sinathropus* se encontram tão regularmente na proximidade de utensílios e de cinzas que esta associação não poderia ser fortuita. E, de outra parte, suas características ósseas e endocranianas tendem mais e mais a classificá-lo entre os verdadeiros Homens... Para o estudioso da Vida, esta lição muito geral nos ensina que os vestígios do Passado são apenas *uma sobra* daquilo que realmente existiu..." (0/2/110/3.)

E três anos depois (em 1937, 0/2/119-131.): "Na origem da descoberta do *Sinathropus* se coloca, como sempre na paleongologia, um acaso metodicamente explorado... Vazias, ou ulteriormente cheias de blocos em ebulição, de areia, de argila vermelha, estas camadas em dissolução geralmente não são percebidas nas encostas arredondadas e cobertas de vegetações das colinas. Mas — felizmente /!!!/ para os paleontologistas, na linha contínua de pesquisa, estas camadas de terra mostram pequenos pedaços de ossos... É necessário um acaso extraordinário para que os cientistas encontrem ossadas humanas nas profundidades de um rio..." Mas aqui, em Choukoutien, "a terra mesma quase oferece o seu fruto" — poderíamos dizer em nome de Teilhard...

Sintetizando, pois, o ponto de vista da pesquisa científica e da visão hiperfísica, Teilhard escreve (0/2/130-131.): "Não estão aqui duas maneiras complementares, para o espírito, de tudo dominar?... O pensamento não seria o rei do mundo, se, por todas as suas fibras, mesmo as mais 'humildes' da matéria, ele não se lhe ligasse organicamente".

4. *O ACASO NA CONCEPÇÃO FISICISTA E UNITÁRIA*

Nos estudos que precedem imediatamente a elaboração do *Meio Divino,* Teilhard aprofundou — não de uma maneira arbitrária, mas por

um método propriamente filosófico (é ele mesmo que dá este título a um capítulo: *Filosofia. A união criadora*), a compreensão do acaso. Vejamos, pois, este trabalho intelectual de um gênio, no seu estudo *Meu Universo* (1924) (já traduzido pelo Prof. Dr. José Luiz *Archanjo*, ed. Loyola, 1980).

No início, Teilhard "confessa" que, durante certo tempo, não conseguiu "encontrar o equilíbrio de sua vida interior" ... Mas uma concepção "fisicista e unitária do Mundo e do Cristo", isto é, uma visão hiperfísica o ajudou, porque "a sorte o colocou na encruzilhada privilegiada do Mundo, onde, na sua dupla qualidade de sacerdote e de homem de ciência, podia sentir passar através de si o duplo fluxo das potências humanas e divinas" (0/9/66/2.) Ele se sente, pois, responsável em "transmitir os lineamentos de suas reflexões de 25 anos":

Teilhard crê "no fato de que o Mundo, tomado como um Todo, tem a segurança de conseguir, isto é de chegar a um certo estado superior de consciência. Eu o creio por inferência, isto é pelo simples raciocínio seguinte: o Mundo conseguiu, até hoje, realizar o incrível trabalho de fazer nascer o pensamento humano no seio daquilo que parece uma rede inimaginável de acasos e de chances adversas"; e isto se realizou, "porque o Mundo é, no fundo de si mesmo, orientado-dirigido por um poder soberanamente dominador dos elementos que o compõem". (0/9/69/3.) Entre as causas "criadoras" do mundo, Teilhard menciona assim "a infabilidade dos grandes números", mas ele acrescenta: "Isto pouco importa no caso /momentaneamente/". (0/9/69/2.)

E quanto ao futuro? Teilhard chega a uma convicção segura: "A terra /no sentido metafórico, em um texto místico-poético/, em cujo rumo nós caminhamos, é talvez incerta. Não importa. Nós, em todo caso, não somos objetos flutuantes ao sabor do acaso. Há um sentido das coisas. Nós avançamos. Nós progredimos". (0/8/110/1.)

O transformismo constata fatos que têm causas naturais: "Nunca os caracteres morfológicos verdadeiramente viáveis e estáveis aparecem por acaso: eles se encadeiam em uma ordem rigorosamente determinada". (0/3/120/4.) ... "Não é por acaso que os Mamíferos isolados durante a era Terciária, na Patagônia, produziram os Solipedes". (0/3/121/1.) ... Mas a natureza não faz cópias fotográficas: "Concretamente, um 'phylum' é composto de uma imensa quantidade de unidades morfológicas, entrelaçadas ao sabor dos caprichos das migrações geográficas e da fossilização. Se nós conseguíssemos isolar uma ponta desse entrelaçamento e seguí-la longamente através das épocas

geológicas, constataríamos que existe, entre seus elementos, uma verdadeira continuidade morfológica. Mas, de fato, este caso favorável jamais se realiza... Encontramos ou um filamento, ou um outro, nunca porém, provavelmente, duaz vezes o mesmo". (0/3/126/3.) — No mesmo terreno científico indagamos: "Por que esta fatalidade que faz sempre desaparecer de nossas séries os termos, nos quais poderíamos apreender, com a maior clareza, a existência de um movimento de vida?" (0/3/130/2.) — Teilhard dá as causas naturais desta fatalidade: o tamanho muito pequeno do pedúnculo dos 'phylums' /fila/, seu pequeno número são as causas de destruição, etc.

5. *MUTAÇÕES — E DEUS "FAZENDO NASCER A SUA OBRA"*

Teilhard enfrenta o problema das mutações que implicam inevitavelmente o acaso: "Para explicar as oscilações e as bifurcações dos 'phylums', recorremos, em suma, ao fenômeno das mutações. A solução não seria meramente verbal? Toda a dificuldade do Transformismo não está precisamente contida nessa noção obscura de mudança brusca que parece associar artificialmente as idéias de estabilidade e de movimento, do acaso e de finalidade? ... Como colocar uma ação orgânica, cega, fortuita, na origem de uma tão harmoniosa fusão dos órgãos?" (0/3/134/1.)

Teilhard ataca os naturalistas atuais, porque eles têm fobia de um vitalismo mal compreendido e eliminam, de suas teorias, a função "plásmática" da psiquê: eles identificam "natural" e "mecânico" (cfr. 0/3/134/2.): esta identificação é totalmente contrária às experiências. — Teilhard fala claramente do vitalismo: "O que é anti-científico no vitalismo, é *intercalar* a vida na série das causas físico-químicas, de modo a fazer com que ela produza *diretamente* efeitos ponderáveis ou mensuráveis que lhe seriam especiais..., como se ela fosse uma espécie de radiação ou de eletricidade". (0/3/134-135.) — E Teilhard defende a sua visão do mundo, isto é, ele não ensina nenhuma espécie de falso vitalismo ou animismo: "A vida é um fator físico *de ordem superior* às forças ponderáveis... As transformações sucessivas do Mundo animado não poderiam ser explicadas sem que recorressemos a imponderáveis fatores de síntese". (0/3/135/1.). — Eis, uma vez por todas, a resposta de Teilhard, destinada a todos os *Monod* do passado, do presente e do futuro...

E para terminar, Teilhard acrescenta à sua visão hiperfísica-sintética estas palavras: "Para um transformismo cristão, a ação criadora de Deus não é mais concebida como uma intervenção intrusa no meio

dos seres já existentes, mas uma atividade que *faz nascer,* no seio das coisas, os termos sucessivos de sua obra. Por causa disto, "a entrada de Deus em sua casa" (como Teilhard já disse, cfr.: 0/10/38/2.) "não é nem menos essencial, nem menos universal, nem — sobretudo — menos íntima". (0/3/142/nota.).

6. *O ACASO NO MEIO DIVINO*

Nas profundezas do *Meio Divino* (uma *"Imitatio Christi"* para o homem de nosso tempo) se escondem também o acaso, a fortuna, as chances, o jogo das causas... Podemos apenas citar algumas passagens:

— algumas passividades essenciais estão difundidas no jogo de conjunto das causas universais que nós chamamos "nossa natureza", ou "nosso caráter", ou "a nossa boa e má fortuna" (0/4/31-32.);

— "O Desconhecido... se dissimula na multidão dos acasos entrecruzados que tecem a estrutura do Universo /l'étoffe de l'Univers, "Weltstoff"/ e de minha pequena individualidade. Mas aí está precisamente o mesmo mistério". (0/4/76-77.)

— "Nosso espírito vacila quando procuramos medir a profundidade do Mundo abaixo de nós. E treme ainda quando pretendemos enumerar as chances favoráveis, cuja confluência, em cada instante, assegura a conservação e o êxito do menor dos viventes... Um fato me causa vertigem: é a suprema improbabilidade, o fato formidável e inverossímel de me encontrar existindo no seio de um Mundo bem sucedido" (0/4/77.);

— "Meu Deus, vossa amável sabedoria me forma a partir de todas as forças e de todos os acasos da Terra"... (0/4/79.);

— As passividades *externas* de diminuição são todas as nossas chances más: a barreira que detém, na muralha que impede, a pedra que desvia, o obstáculo que impossibilita, o micróbio que mata o corpo, a palavra imperceptível que intoxica o espírito; graves acidentes e incidentes de todas as espécies, inumeráveis interferências dolorosas (genes, choques, amputações, mortes...) "entre o Mundo das 'outras' coisas e o Mundo que irradia a partir de nós..." (0/4/82.);

— As passividades *internas* de diminuição... É unicamente *por chance* que evitamos suas formas críticas. (Teilhard as enumera ao longo

de três páginas: 0/4/82-85.) — É pela "própria natureza" que o mundo está cheio de males (sofrimentos, pecados, mortes...) e de acasos, porque ele se encontra ainda parcialmente desordenado e tão somente "em via de aperfeiçoamento ou 'em nova ascensão' /libertando-se dos pecados cometidos/". (Cfr. 0/89.nota);

— Mas "é de se crer? ... Tudo se ilumina e toma forma em torno de nós: o acaso se ordena, o êxito se reveste de uma plenitude incorruptível, a dor se transforma numa visita e uma carícia de Deus" (0/4/171.); "não são os rígidos determinismos da Matéria, — são as delicadas combinações do Espírito que dão ao Universo a sua consistência. A imensidade do acaso e a enorme cegueira do Mundo são apenas uma ilusão para aquele que crê: *'Fides, substantia rerum':* a fé é a substância das coisas". (0/4/173.) — Assim *nos movimentos da* vida (veja o estudo que tem este mesmo título: 0/3.), isto é, no plano *natural,* encontramos este "contra-acaso", esta "neg-entropia": a célula, o ser vivo, o espírito humano, a Humanidade em via de aperfeiçoamento: "que variação de exceções cada vez mais incomensuráveis, agindo contra os modos habituais de Energética e do Acaso!" (0/3/209/3-4.) — Assim "a vida é cheia de coincidências estranhas e talvez de misteriosas intenções... das coisas (ou da Providência)" — repete Teilhard até mesmo nas suas alocuções para celebração de casamento. (Cfr. 0/13/189.) — E é já uma tautologia *repetir* na mesma frase as duas expressões: "as leis do acaso" *e* "as leis dos grandes números", se bem que "os encontros imprevisíveis devidos ao jogo *coletivo* das forças cósmicas" possam ser "acionados" (como diz Teilhard, 0/9/125-126.) seja pelos acasos *físicos,* seja pelo *acasos* (improbabilidades) lógicos... O que nos interessa aqui, é que Teilhard exige que "a Ciência... aceite a Humanidade como fenômeno físico que avança em sentido contrário do provável, caminhando para concepções sempre mais largamente organizadas — contra a Entropia". (0/9/126/1.)(8).

Os seres não aparecem ao acaso, ou ao menos arbitrariamente sobre a face da Terra. Cfr. 0/6/61/3.) — E é quase um escândalo — diz Teilhard, — "o primado ainda dado aos mecanismos e ao acaso, nas ciências" ... "O Pensamento permanece ainda, aos olhos da Ciência mecanicista, uma inexplicável anomalia. O Homem, naquilo que ele tem de mais humano, se apresenta como vitória monstruosa e perturbadora". (0/10/126/2.) — Uma verdadeira Ciência deveria tomar consciência de que "os elementos /neste caso: os homens/ se precipitam em uma direção infalível, se bem que através de apalpadelas e de acasos que a nossa ciência registra". (0/6/111/2. — e Teilhard põe em relevo

a importância de uma tal Ultrafísica, ibidem). — É certo que, ao longo deste progresso, "muito freqüentemente, aqueles que mais se amam, estão separados, um do outro, pelos mesmos acasos que os tinham aproximado". (0/6/106/2.). Mas a Humanidade não pode ser considerada "como uma feliz anomalia, um fugaz epifenômeno nos vastos desdobramentos da Natureza". (0/9/174/1.) Unicamente os crentes do antigo antropocêntrismo imaginavam que "um acaso nos tivesse feito e um outro acaso nos tivesse permitido progredir" (Ibid.). Bem ao contrário é, porém, a verdadeira situação da humanidade: Ela é "uma subida contínua, o efeito de uma 'maré cósmica'" (Ibid.) — Quantas vezes Teilhard — e com que colorido! — nos mostra esta "ascensão em espiral montante"!

Vejamos, pois, esta subida e esta convergência no *Fenômeno Humano* (1938-1940, e três outros capítulos acrescentados ao texto central em 1947 e 1948).

III.

O acaso no Fenômeno Humano — e sua crítica

1. *A MUTAÇÃO HOMINIZANTE*

Já no *Prólogo,* Teilhard verifica que o homem — por um duplo título — é "o centro do Mundo", portanto "impõe-se ao nosso esforço de indagação como chave do Universo": Subjetivamente, de início, somos inevitavelmente *centro de perspectiva* em relação a nós mesmos". E objetivamente? Já sabemos que o homem não é um simples "golpe de acaso" (se bem que a mutação hominizante seja o ponto de partida de um nível de ser "substancialmente" novo), mas o último ponto de uma evolução terrestre *naturalmente* realizada. Para mostrar que o homem (o sujeito) é também um observador objetivo das coisas, Teilhard nos dá uma comparação: "Que acontece ao caminhante se os acasos da sua rota o levam a um ponto naturalmente avantajado, ... a partir do qual não apenas a sua visão, mas as próprias coisas brilham? Então, o ponto de vista subjetivo coincidindo com uma distribuição objetiva das coisas, a percepção se realiza em sua plenitude. A paisagem se abre e se ilumina. Vemos". (*Prólogo.* Ver, pp. 26-27.)

Todos compreendem (e nem é preciso insistir nisso) que não são os acasos (como no caso — na comparação sempre "balbuciante" — do caminhante...), mas as transformações lentas e, definitivamente, uma mutação essencial, hominizante — que elevaram o homem a esse nível

de observador "objetivo" ... Teilhard o sabe muito bem: "A Ciência mecanicista, materialista rotulava o Pensamento com algumas destas expressões: exceção bizarra, função aberrante, epifenômeno /de nenhuma importância/ (p. 51.) — Ao contrário, diz Teilhard: "A consciência... nos obriga a considerar a existência de uma face ou dimensão nova no tecido /no "estofo", no "Weltstoff"/ do Universo" (p. 52.) Mencionando "a idéia mais laplaciana" da origem dos planetas (na nota da p. 65.), Teilhard pensa que "em conseqüência de alguma chance incrível (colisão de estrelas? ruptura interna? ...), um punhado de matéria formada de átomos particularmente estáveis se destacou da superfície do sol. E sem romper os laços que o prendiam ao resto das coisas exatamente em boa distância do astro-pai para continuar sentindo com intensidade média a sua irradiação, esse punhado de matéria se aglomerou, se concentrou em si mesmo, tomando forma... Este globo recém-nascido tem, pois, a sua origem — poderia parecer — em um golpe de acaso na massa cósmica..." (p. 66.)

Supondo mesmo na matéria menos formada uma espécie de "esboço" ou forma ainda infinitamente rudimentar de consciência,Teilhard afirma: "O 'quantum' inicial de consciência contido em nosso Mundo terrestre não é simplesmente formado por um agregado de parcelas presas fortuitamente na mesma rede. Representa uma massa solidária de centros infinitesimais ligados entre si pelas suas condições de origem e pelo seu desenvolvimento". (p. 73.)

Naturalmente, trata-se de hipóteses, mas Teilhard, aqui também, "aplica" a sua visão hiperfísica sintetizante: "A terra nasceu provavelmente de um acaso. Mas, de acordo com uma das leis mais gerais da Evolução, este acaso, mal apareceu, foi imediatamente utilizado, refundido em algo naturalmente dirigido". (Ibid.) — "Os inumeráveis elementos que compunham, no seu início, a película viva da Terra, não parecem ter sido tomados nem reunidos exaustivamente ou fortuitamente. Mas a sua admissão neste invólucro primordial dá antes a impressão de ter sido orientada por uma misteriosa seleção ou dicotomia prévias". (p. 98.)

2. *O ACASO FELIZ — TRANSFORMADO E UTILIZADO*

A reprodução dos seres vivos é um exemplo banal do fato de que "como sempre acontece no Mundo, aquilo que, na origem, não passava de um feliz acaso, ou de um meio de sobrevivência, é imediatamente transformado e utilizado em instrumento de progresso e de conquista". (p. 110.)

E também, "na 'conjugação' de dois elementos (por pouco diferenciados que estivessem ainda, em macho e em fêmea)", nos organismos inferiores e "ainda em cada célula de nosso próprio corpo... quantos acasos e quantas tentativas não foram precisos para que amadurecesse esta descoberta fundamental donde nós saímos!" (p. 112.) — Nas tentativas se combinam, de maneira interessante, a fantasia cega dos grandes números e, ao mesmo tempo, uma auto-orientação precisa em direção de um alvo "procurado". Assim, a tentativa não é somente o próprio Acaso, com o qual se pretende confundí-la, mas sim um Acaso auto-orientado. (Cfr. p. 116/3.) — Pensemos na hipótese de Monod: as partículas atômicas se unem por acaso. Na observação não microfísica, mas intuitivamente genial de Teilhard, "as partículas celulares se orientam a si próprias, de maneira imprevisível para nós, rumo a uma complexidade e consciência sempre mais perfeitas. Eis o acaso, já na fonte da formação da convergência!

Os fios biológicos débeis e os pedículos que são fases iniciais de crescimento, se vão esvanecendo para trás, sob os nossos olhos. Só os alargamentos terminais dos leques se prolongam até o presente pelos seus sobreviventes ou pelos seus fósseis. Naturalmente, as supostas "causas" de tal desaparecimento, isto é, a **casualidade** dos acasos concretos inumeráveis, fica, de uma vez para sempre, imprevista e imprevisível para nós. É este simples fato que Teilhard, de maneira aparentemente complicada, explica (na nota 2. da p. 130.): "Assim, nós nos encontramos numa impossibilidade não fortuita (por razões sempre fortuitas — cfr. Cournot...) de ultrapassar um certo limite de precisão de um Passado muito remoto".

A diversificação das formas animais conforme o seu grau de cerebralização confere à Árvore da Vida um relevo, um impulso, uma fisionomia. "Tanta coerência, tanta fidelidade inesgotável e tanto poder evocativo na coerência — não podem ser um efeito do acaso". (p. 158.)

E então, como unir os acasos, a espontaneidade e os determinismos? Teilhard responde simplesmente: "Não se esqueça que na ação 'morfogenética' do instinto é reservada uma parte essencial ao jogo (darwiniano) das forças externas e do acaso. Na verdade, é só por lances do acaso que a Vida procede; mas por lances de acaso reconhecidos e aproveitados — quer dizer, psiquicamente selecionados. Bem entendido, o 'antiacaso' (neolamarckiano) não é a simples negação, mas, pelo contrário, apresenta-se como a utilização do acaso (darwiniano). Entre os dois fatores existe uma complementariedade funcional, poder-se-ia mesmo dizer, uma 'simbiose'". (Nota da p. 163.) — E continua,

de maneira realmente científica: nas vastas zonas da unidade do Mundo organizado, devemos distingüir "a zona lamarckiana dos complexos muito grandes (o Homem, sobretudo em que o antiacaso domina nitidamente), e a zona darwiniana dos pequenos complexos (seres vivos inferiores) em que este mesmo antiacaso já não pode ser apreendido, sob o véu do acaso, senão por raciocínio ou conjetura, quer dizer, indiretamente". — Mas a reflexão humama aprimora todas as linhas do filo sobre que se estabelece. "Ela não representa, pois, a excrescência fortuita de uma energia parasita. O Homem não progride senão elaborando lentamente, através das idades, a essência e a totalidade de um Universo depositado em si próprio". (Cfr. pp. 198-199.)

3. *TEILHARD NÃO COMPREENDE O ACASO DE PASCAL*

Grande realista do século XX., Teilhard não só compreende, mas com todas as suas fibras vive a inquietação suscitada pela impressão de "esmagamento e de inutilidade perante as enormidades cósmicas", pela angústia suscitada pelo "efeito desesperante da monotonia", pela enormidade do Número estarrecedor, de tudo o que foi, de tudo o que é, de tudo o que será necessário para preencher o Espaço e o Tempo". (pp. 252-254.)

E quanto ao futuro? Joga-se "uma grande partida, na qual nós somos os jogadores (isto é, até um certo ponto, nós mesmos formamos o futuro da humanidade), ao mesmo tempo que as cartas (porque as chances, os acasos que recebemos, não dependem de nós) e o cacife (isto é, podemos ganhar — ou perder tudo)". (p. 255.) Antes de decidir entre "um otimismo absoluto" *ou* "um pessimismo absoluto" — porque "apenas estas duas direções existem", — Teilhard pergunta: "Uma vez que somos impelidos pela Vida e somos forçados a tomar posição se queremos continuar a fazer o que quer que seja, — que vamos decidir?" (p. 258/7.)

Aqui Teilhard comete um erro. Conhecia bem os *Pensamentos* e alguns outros escritos de Pascal, pois fala muitas vezes, apreciando e criticando a visão pascaliana do mundo. Contudo, não teve oportunidade de ler (pois ainda não tinha sido descoberto) o cálculo de probabilidade elaborado por Pascal e Fermat. Por isso, Teilhard escreve, de maneira bastante irônica: "Na sua famosa aposta, para fixar a opção do Homem (na fé e na preparação do futuro), Pascal marcava os dados com o engodo de um ganho total": "Pascal pipait les dés par appât d'un tout à gagner". (p. 258.)(9).

Para compreender a "gaffe" de Teilhard, devemos saber que a expressão francesa "piper les dés" significa muito simplesmente o fato de que alguém falsifica o dado, facilitando assim que a sua própria chance seja certa...

Colocando-se na mentalidade do libertino, Pascal, na sua famosa Aposta (*Pari*) prepara a inteligência e o coração do pragmatista para a necessidade de escolher "o mais vantajoso", "o maior lucro". Na aposta, Pascal utiliza o exemplo de uma moeda (em lugar dos dados). Eis o breve resumo do diálogo entre Pascal (**P.**) e o libertino (**L.**):

P.: Examinemos esse ponto: Deus existe — *ou* não existe?

L.: Não quero escolher, isto não me interessa.

P.: Mas "não escolher" já é uma opção. Simplesmente não é possível "não escolher", porque nós já estamos colocados no navio da vida, onde cada gesto, implicitamente, já é uma escolha a favor — ou contra Deus.

L.: Vamos, pois, vejamos o que você quer fazer...

P.: Proponho um simples jogo, onde a coroa da moeda significa que Deus existe; e a cara significa que Deus não existe... Pesamos o ganho e a perda — matematicamente... É claro que a possibilidade da coroa é de 50 por cem; e a possibilidade da cara é também 50 por cem. Mas se você ganhar, ganha tudo. E se você perder, não perde nada.

L.: Como? Não compreendo o que você quer dizer!

P.: Pois bem... Porque se Deus existe, você só "perde", aparentemente, os seus 70 anos, isto é, a sua vida organizada conforme seu bel-prazer. Mas se você ganhar, isto é, se a moeda, caindo na terra, mostra o lado coroa, você ganha *o infinito*, isto é, a vida infinita — não só quantitativamente infinita (eterna), como também qualitavivamente, isto é, infinitamente feliz — como Deus nos promete... Pergunto, pois: o que *vale mais?:* o infinito, — ou os seus 70 anos? — Aliás, se Deus existe, você ganha não só o Infinito, mas — inclusivamente — os seus 70 anos, porque organizando a sua vida conforme as leis divinas do amor, você não perde nada... E, matematicamente falando (e aqui Pascal tira as conseqüências do seu cálculo de probabilidade), — quando houver *uma só* possibilidade de ganhar o Infinito — contra alguns finitos casos de possibilidade de ganhar só o finito, então *vale mais* escolher aquela única possibilidade (a coroa...) de ganhar o Infinito... Mas, em nosso caso, não há

uma só possibilidade, mas 50 sobre cem de ganhar... Então? O que você escolhe?

L.: Isto é maravilhoso... Mas eu não tenho fé...

P.: Faça, pois, como eu mesmo fiz: comecei a praticar as virtudes e isto me "acostumou", isto é, preparou-me para acreditar em Jesus Cristo, no Deus de Jesus Cristo, na Igreja... O coração tem as suas razões que a razão não conhece... Somente a religião cristã torna o homem amável e, ao mesmo tempo, amante e feliz...

Assim como Santo Agostinho e Teilhard, também Pascal nos apresenta uma "imagem de Deus": Ele é um ponto que se move por toda parte, com a velocidade infinita; está em todos os lugares e todo inteiro em cada lugar; Deus é o Centro dos centros; Ele é 'O jà-Um' ... E digo também que o coração do homem ama naturalmente o Ser universal e a si mesmo naturalmente, conforme à medida em que a Ele se entrega"...

Apresentando a sua opção, Teilhard não deveria desprezar esta meditação de Pascal, por imaginar que a Aposta pascaliana trata somente um simples jogo de probabilidades. (Cfr. p. 259.)

Nos capítulos seguintes do *Fenômeno Humano,* Teilhard apresenta "as promessas de um Mundo inteiro" ... "Se o Universo empreendeu uma obra, é porque pode terminá-la, segundo os mesmos métodos e com a mesma infalibilidade com que a começou". (Ibidem.). É certo que "antes de se organizar, uma legião (de seres vivos e de homens) está forçosamente à mercê do jogo dos acasos e da probabilidade". Mas estas perdas "não são mais do que o sinal e o preço de um progresso". (Cfr. pp. 284-285.) — Tomando consciência de que a partir deste ponto passamos do terreno científico para o nível hiperfísico e também para o nível filosófico-teológico, Teilhard continua: "Contrariamente às aparências ainda admitidas pela Física (como *uma* disciplina científica especial), o Grande Estável não se encontra em baixo — no infra-elementar, — mas em cima, no ultra-sintético. É, pois, unicamente pelo seu invólucro tangencial (material) que o Mundo se vai dissipando, ao acaso, em Matéria. Pelo seu núcleo radial (psíquico-espiritual), nosso Mundo encontra a sua figura e a sua consistência natural gravitando, ao revés do provável, na direção de um foco divino de Espírito que o atrai para diante (rumo ao Ômega)". (pp. 301-302.)

A consciência humana progride, pois, "à força de acasos, de contin-

gências e de liberdades utilizadas... Portanto, por mais inverossímil que seja a perspectiva, *o Homem tem de se realizar, não necessariamente,* sem dúvida, *mas infalivelmente".* (p. 307.) — Tentemos compreender a expressão "infalivelmente". Teilhard explica: haverá "um derradeiro progresso, que virá na sua hora biológica. Uma maturação e um paroxismo. Cada vez mais acima no improvável, de que nós saímos". (pp. 307-308.)

É claro que não deveríamos "deixar crescer a Ciência ao acaso" (p. 310.), e "ao jogo das combinações fortuitamente 'encontradas' devem juntar-se as combinações 'planejadas' ou 'inventadas'" — até substituí-las quase totalmente". (Nota da p. 336.)

Teilhard percebe (cfr. a nossa nota 7.) que "na sua ação, a energia cósmica de enrolamento se encontra intrinsecamente afetada, nos seus efeitos, por duas incertezas ligadas ao duplo jogo — em baixo, das probabilidades — e, em cima, das liberdades". (p. 342.) — Mas a sua convicção hiperfísica recebe a sua certeza do cálculo de probabilidades: "Nos casos de muito grandes conjuntos (tais como o que, precisamente, é representado pela massa humana), o processo tende a 'infalibilizar-se', porque as probabilidades de êxito aumentam do lado do acaso, e as probabilidades de recusa ou de erro diminuem do lado das liberdade, com a multiplicação dos elementos implicados". (pp. 342-343.) — Para o leitor cristão, Teilard, de novo, acrescenta a convicção teológica: "Para um crente cristão, o êxito final da Hominização (e portanto do Enrolamento cósmico) é positivamente garantido pela 'virtude ressuscitante' de Deus encarnado na sua criação". (Nota da p. 343.)

Sim, mas... "até no domínio humano (onde, contudo, o caso é mais controlado), quantas falhas para que haja um único êxito! — quantas misérias para uma única felicidade! — quantos pecados para um único santo!... Estatisticamente, em todos os graus da Evolução, sempre e por todo o lado, o Mal se forma e renasce, implacavelmente, em nós e em redor de nós. Assim o exige, sem apêlo possível, o jogo dos grandes números no seio de uma Multidão em vias de organização". (p. 346/2.) ... A doença e a corrupção resultam sempre de qualquer infeliz acaso. (Cfr. p. 346/3.) E a última palavra do *Fenômeno Humano* é uma constatação hiperfísico-teológica: "Mesmo aos olhos do simples Biólogo, nada se parece tanto com uma Via-Sacra como a epopéia humana!" (p. 348.).

IV.

Variações do mesmo tema — nos últimos 15 anos

1. *A COMBINAÇÃO DO ACASO FÍSICO E DO ACASO PSÍQUICO*

Durante a guerra, Teilhard teve "a sensação de ser, por acaso, arrebatado por um furacão" (0/7/87/1.) e, portanto, na realidade, "os elementos químicos e vitais do Universo não se dispersam ao acaso, mas formam uma série natural, na qual a ordem de aparição coincide essencialmente com a ordem de complicação". (0/7/84/2.) — Quando Teilhad afirma que "em Choukoutien, a chance dos paleontólogos, por acaso, mostrou um 'habitat' humano muito antigo" (0/2/139.), tratava-se de um acontecimento subjetivamente imprevisto, mas esperado. De outro lado, na aparição súbita da Arte, as pinturas nas grutas do *Homo sapiens,* "esta primeira explosão da personalidade humana parece ainda realizar-se um pouco por acaso". (0/1/166/2.)

De um lado, "o indivíduo humano conhece muito bem as precariedades e os acasos da sua existência" (0/9/206/1.), não pode, pois, vangloriar-se. Mas este mesmo "elemento perdido na multidão" pode afirmar que "sob a influência de Deus, os determinismos e os acasos cósmicos se orientam e 'se animam' na medida de nossa união com Deus". (0/10/189/5 — 190/1.)

No nível das mínimas articulações cósmicas (moléculas, átomos, elétrons...), os segmentos se aproximam e se unem — não intencionalmente, bem certo, — mas "pelo jogo do Acaso". (0/7/111/2.) — Não estaria aqui, sem elaboração microfísica minuciosa, uma intuição que já em 1944, "pre-anunciava" a teoria de Jacques Monod?

No nível mais elevado, "por sua natureza, a energia psíquica luta contra as forças do Acaso que dominam o terreno da energia física". (0/7/130/2.) A energia psíquica "utiliza a dupla propriedade do Acaso: devolvendo determinismos regulares (leis físico-químicas) pela uniformização, ou — ao contrário — criando combinações improváveis por tentativas longamente repetidas, nas quais se combinam os jogos do Acaso (físico) e da finalidade (psíquica)". (0/7/130/2-4.)

2. *A CENTROLOGIA*

Neste estudo hiperfísico, solidamente construído em 33 capítulos, Teilhard nos oferece, numa progressiva ordem de raciocínio, quase

tudo o que é essencial na sua visão do mundo. Nós devemos tocar apenas nas frases que falam do acaso:

— intuitivamente (ainda não por microscópicos eletrônicos, como fez Monod), Teilhard "desce até as partícuias elementares da matéria". O jogo dos acasos organiza, à sua maneira, estas partículas de energia e quando duas partículas "concordantes" quanto à afinidade psíquica se encontram no interior (ou no ângulo) de seu "raio de ação", então elas se unem seletivamente. E nada poderia deter um tal movimento esboçado nas profundezas elementares (Cfr. 0/7/140/7.);

— "os centros cósmicos organizados controlam sempre mais eficazmente o Acaso que, imprevisivelmente, sempre aparece ainda na matéria". Mas este mecanismo funciona também no âmago de nossa própria vida espiritual, até "o surgimento e o amadurecimento de nossas idéias mais elevadas! Na verdade, se tomarmos consciência, qualquer pensamento, a vida inteira são apenas acasos apreendidos" (0/7/143/1.);

Teilhard reconhece "o duplo jogo dos determinismos e dos Acasos" (0/7/141/2.), mas critica "a análise do ser vivo, *se* esta consiste só na observação da inconsciência, dos acasos e dos determinismos, porque todo o resto, isto é, o propriamente vivo, escapa das malhas da análise" (0/7/138/1.);

— a experiência cotidiana nos mostra que, em todas as ordens e em todos os níveis, nas coisas se realizam, na natureza, apenas ao preço de loucos desperdícios e de acasos. "Inclinemo-nos, pois, diante desta lei universal, na qual, de maneira tão estranha para nosso espírito, o jogo dos grandes números e a finalidade se sintetizam" (0/5/142/4.);

— na origem das galáxias, "esconde-se, por acaso, uma irregularidade eventual". No caso dos planetas existe o mesmo "acidente fortuito, a mesma chance extraordiária, o mesmo golpe de acaso". E sem querer jogar com as palavras, Teilhard pergunta: "Mas 'ser planetário' e 'ser infinitesimal' não seria, por acaso, a mesma coisa? ... Ou, por acaso, tomávamos as nossas lentes às avessas?" (0/5/135-137.) — "Em todo caso, o mesmo acaso, conforme algumas leis dos grandes números, poderia, na imensidade dos tempos e dos espaços, dar à luz muitos outros astros, muitas outras Terras e Galáxias... Nosso espírito fica espantado" (0/7/133-134.).

3. *O ENCONTRO COM "O CRISTO SEMPRE MAIOR"*

Constatando, na sua hiperfísica, o papel impressionante dos acasos, dos grandes números, dos determinismos, da liberdade humana, da "gratitude" da graça divina, Teilhard — se assim podemos dizer — chega infalivelmente ao "Ponto Já-Um", sempre presente e eternamente atraente, o Ômega cristão, Nosso Senhor Jesus Cristo, orientados de todas as energias espirituais. O Cristo "torna-se sempre maior" não apenas diante de nossos olhos mais atentos às maravilhas do Universo, mas sim, no seu *Corpo místico* que é constituído pelos homens, por nós mesmos.

"Na energia de simpatia e de atração, de certa maneira misteriosa, continuam os jogos do Acaso, os efeitos materializantes dos Grandes Números... A Lei desta energia não é já a conservação na degradação (= entropia), mas sim, ao contrário, a intensificação crescente, até à organização total da 'fração centrada' do Mundo na unidade do Foco Ômega, donde surge, em última análise, o 'élan' que arrebata e levanta a poeira cósmica original na direção improvável e ascendente dos mais altos complexos" (0/7/144/4.); a ortogênese, num sentido mais geral, "significa esta orientação definitiva que regulariza os efeitos dos acasos no jogo da hereditariedade" (Nota 1., 0/5/204.) — Mas "o Homem, tornando-se adulto, toma em suas mãos a evolução da Vida na Terra ... E se a Pesquisa invade sempre mais a atitude humana, isto não é nem fantasia, nem moda, sem acaso" (0/9/259/2.): pelas descobertas científicas e em virtude da gratuidade divina, começamos — mal começamos, mas já estamos progredindo não na direção de um "buraco negro" (que é apenas uma das maravilhas mais impressionantes do Universo), mas sim, rumo a um Foco Ardente.

Cada um de nós pode encontrar este Foco Ardente, este Ômega, porque Ele já está presente em todos. Teilhard aceitou e, com profunda alegria, vivia esta verdade paulina, mesmo atravessando momentos de depressão e de crises de lágrimas.

"Gostaria de morrer no dia da Ressurreição" — palavras de Teilhard, anotadas na hora, por um dos seus sobrinhos, num jantar, no Consulado da França em Nova York, no dia 15 de março de 1955. Por acaso, no domingo de Páscoa, no dia 10 de abril de 1955, o Padre Teilhard de Chardin morre. Foi prostrado por uma hemorragia cerebral.

Um instante antes da sua morte, recuperou a consciência e pronunciou estas palavras aparentemente temíveis: "Maintenant je vois que

c'est terrible": desta vez, sinto que é terrível...

Morreu, pois, de repente, como sempre pediu, na alegria da ressurreição, mas invadido pela inelutável realidade da "terrível" presença da gratuidade divina, do Ômega que, através da morte, realiza a eterna união, a chance definitiva, o último acaso na sua gratuidade de amor.

"Por todas as chances" da sua vida, pela irradiação dos acasos naturais e sobrenaturais que ele viu, experimentou e nos ensinou, seria possível que o Ômega se tornasse em nós também, "um Cristo sempre maior"?

NOTAS

(1) Cfr. meus estudos sobre a hiperfísica telhardiana:
- *De la Physique à l'Hyperphysique,* um estudo francês publicado na revista *Leopoldianum,* Santos, 1975, Vol. II., Nº 1., pp. 9-18.
- *Os fundamentos gnoseológicos e epistemológicos da cosmovisão de Teilhard de Chardin, Leopoldianum,* Santos, 1976, Vol. III., Nº 7., pp. 11-38.
- *Fondaments gnoséologiques et épistémologiques de la vision du monde de Teilhard de Chardin,* em colaboração com Karoly Golen, na *Revue Teilhard de Chardin,* Bruxelas, Nº 77-78, e Nº 81-82., 1979 e 1980.
- *Ciência e filosofia na síntese de Teilhard de Chardin,* na *Revista Portuguesa de Filosofia,* Braga, Portugal, no número comemorativo do centenário do nascimento de Teilhard, outubro-dezembro de 1981, pp. 367-386.
- *From physics to Hyperphysics,* na revista *Forum,* International Center for Integrative Studies, 80 Fifth Avenue, New York, N.Y.10011. – USA, fevereiro de 1976, Vol. 7, Number 4, pp. 34-38.
- *The Gnoseological and Epistemological Foundations of Teilhard de Chardin's View of the World, Forum,* janeiro de 1977, Volume 8, Number 3. – Novo endereço: 45 West 18th Street, New York, N.Y.10011. – USA. – pp. 45-51.
- *Are There Some New Results in the "Case of Teilhard"?* na revista *Forum,* abril de 1982, Vol. 12, Number 3, pp. 82-98. – O mesmo estudo foi publicado em duas revistas brasileiras: *Leopoldianum,* Santos, dezembro de 1981, pp. 95-119. e na revista *Perspectiva Teológica,* Faculdade de Teologia Cristo Rei, Instituto Santo Inácio (ISI), Av. S. Francisco, 1645, C.P. 5047 – Venda Nova, 30000 - Belo Horizonte, MG.
- /Os 5 volumes sobre a hiperfísica teilhardiana (1974, em húngaro) e vários estudos sobre a visão fenomenológico-hiperfísica de Teilhard, publicados em Budapest, como também meu livro *Deus ou nada,* escrito no espírito hiperfísico teilhardiano, Ed. Paulinas, São Paulo, 1975, 319 pp. – me facilitaram a orientação da tese de doutoramento do Prof. Dr. José Luiz *Archanjo: A Hiperfísica de Teilhard de Chardin,* PUC, São Paulo, 1974, 4 volumes, 908 pp. dact./

(2) Neste trabalho, para as citações de Teilhard, adotaremos o seguinte critério:
- os 13 volumes das *"Oeuvres"*: a letra O seguida de um primeiro número indicando *o volume;* o segundo número indica *a página* e, eventualmente, um terceiro número se refere ao parágrafo. P.e.: 0/12/272/2. *x* texto citado do décimo segundo volume das *"Oeuvres"* (edição *francesa,* Paris, Ed. du Seuil), página 272., parágrafo 2.
- *Hymne de l'Univers,* Éd. du Seuil, Paris, 1961, 173 pp. — Abr.: HU.
- *Genèse d'une pensée,* Lettres: 1914-1919, éd. Grasset, Paris, 1961, 404 pp. Abr.: GP.
- Um volume dos cinco primeiros cadernos do *Diário* de Teilhard (*Journal*), publicado por Schmitz-Moormann, Éd. Fayard, Paris, 1975, 396 pp. Abr.: D.
- *Accomplir l'homme.* Lettres: 1926-1952, Éd. Grasset, Paris, 1968, 283 pp. — Abr.: AL.
- *Lettres Intimes* de Teilhard de Chardin, publicadas e anotadas pelo *Pe. de Lubac,* Ed. Aubier Montaigne, Paris, 1ª ed., 1972, 360 pp. — Abr.: LI.
- *Correspondência de Blondel e Teilhard,* publicada e comentada pelo *Pe. de Lubac,* ed. Beauchesne, Paris, 1965, 165 pp. — Abr.: BT. (Livro publicado com *Imprimi potest* e *Nihil obstat* e *Imprimatur,* como também o 12º volume das *"Oeuvres"*).
- Vários estudos *inéditos* de Teilhard foram traduzidos em húngaro: textos policopiados, *comentados* por mim; a numeração de 1 a 6 indica esta tradução húngara, abr.: I (inédito), seguida pela página, parágrafo do texto húngaro do vol. Todas as outras referências indicam a edição *francesa.*

(3) Teilhard nunca elaborou um sistema filosófico ou uma teoria fundada em princípios abstratos e, nem muito menos uma teologia sistemática. Não podemos exigir dele nada além de suas verdadeiras intenções (:"Ver e fazer ver"). Por esta razão considero a sua visão do mundo uma síntese hiperfísica, como ele mesmo a chama, — que não confunde, mas distingue *e* une ciência, filosofia e teologia; desta maneira, elas se completam organicamente, conservando cada uma a sua própria intenção e o seu próprio método.

(4) Cfr.: *este* estudo é um *breve* resumo do volume XVII. de uma série de comentários sobre Teilhard, intitulada *"Le monde en dérive"* (40 volumes, em húngaro).

(5) Naturalmente, foi com muita alegria que verifiquei a comunicação do *Pe. de Lubac* (e de *Mons. Bruno de Solages,* colaborador) de que a definição teilhardiana do *hasard* (=acaso) "é uma concepção totalmente aristotélico-tomista", cfr. a nota 12 do 0/12/352. — Infelizmente, porém, tal constatação se prende mais ao *espírito* destes dois pensadores do que à cosmovisão de Teilhard, uma vez que a idéia teilhardiana põe em relevo o jogo *coletivo* das forças *cósmicas* — tanto quanto o simples acaso "cotidiano" ... É complexo o problema de se saber até que ponto Teilhard foi ou não "aristotélico-tomista". Cfr.:
- a propósito da opinião de *Gilson* e de *Maritain* (várias vezes contraditórios, mas "idênticos" na antipatia para com Teilhard), os meus dois estudos: pp. 2-45. do vol. VII. da série *"Le monde en dérive"*;

— quanto a *Sertillanges:* pp. 84-103. do vol. XI. da mesma série.
— Deve ser consultado ainda sobre o assunto o excelente livro (da sua tese de doutoramento no Instituto Católico de Paris) do Pe. J. Paulo *Nunes: Teilhard de Chardin, o Santo Tomás de Aquino do século XX.* — Ed. Loyola, São Paulo, 1977, 214 pp.

(6) *Jacques Monod,* na sua obra *Le hasard et la nécessité,* essai sur la philosophie naturelle de la biologie moderne, aux Ed. du Seuil, Paris, 1970, 197 pp. (imediatamente traduzido em português), afirma que "além da 'réplication' da mensagem genética... existe, em escala microscópica, uma forma de incertezas mais radical ainda, enraizada na estrutura quântica da própria matéria. Ora, uma mutação é em si mesma um acontecimento microscópico, quântico, ao qual, por conseqüência, se aplica o princípio da incerteza. Acontecimento, pois, *essencialmente* /o grifo é de Monod!/ imprevisível pela sua própria natureza". Cfr. as pp. 128-129. da edição francesa. — É pena que Monod tire conclusões ideológicas de suas experiências científicas. Monod "condena" Einstein que — afirma Monod — disse que "não se pode admitir que 'Deus joga com os dados." (p. 129.) — Terá razão Monod?

(7) Esta simples frase de Teilhard resume a sua convicção existencial profunda. Várias vezes, sobretudo no *Meio Divino* (O sentido da Cruz. As trevas exteriores e as almas perdidas) e no *Diário,* medita e aprofunda sempre mais esta intuição: *"Collaborare, compati, commori, con-resuscitare"* (cfr. Rom 8,17: colaborar, compadecer, co-morrer, co-ressuscitar com Cristo, — no *Meio Divino,* I. parte, 1. cap.) — Seja-nos permitido completar esta mística teilhardiana, recebida do apóstolo São Paulo:
— aceitamos, conforme nos ensina Monod, que existe uma "gratuité fondamentale", um acaso essencial na união das partículas atômicas (cfr. sobretudo as pp. 90-94. — e também *passim* — no seu livro *Le hasard et la nécessité*). Os determinismos físicos, químicos, biológicos, sociais etc. recebem os efeitos desta primeira "gratuité fondamentale" e a consciência humana vive no mundo dos determinismos, realizando uma certa liberdade limitada;
— mas — já do ponto de vista teológico — existe também uma outra "gratuité fondamentale", a graça divina que — se posso assim dizer — é para nós o supremo "acaso", o mais essencial, dado a todos os homens, conforme a infinita bondade divina;
— estas duas espécies de "gratuité fondamentale" não poderiam simbolizar o fato de que "nós aqui estamos crucificados"? — como diz Teilhard (0/12/77/2.) ... Não seríamos solicitados por dois acasos?: pelo acaso das profundezas atômicas e pela "gratuité suprême" da graça divina... não estaríamos, no mundo dos inumeráveis determinismos que nos limitam e fazem sofrer, crucificados entre os dois braços de uma só Cruz?
— E ainda, fato paradoxal: como "os encontros imprevisíveis ... das forças cósmicas", assim também os grandes encontros de Teilhard com o Cristo realizaram-se *no paroxismo da iluminação da graça divina* e, muitas vezes, no pólo oposto, *nas profundezas da "noite obscura".* (Citamos na primeira parte desta nossa frase, uma carta de 1947 de Teilhard, 0/10/152/nota 1. e, na segunda parte da frase, a declaração do *Pe. Ravier,* seu último superior jesuíta, citada pelo *Pe. de Lubac* na nota 1. da oitava carta do *Pe. Teilhard* ao *Pe. Ravier,* cfr. a segunda edição revista e com-

pletada das L.I.)

(8) "A grande Física /teilhardiana/ — no sentido dos Gregos", cfr.: in 0/3., 1930; *"Essai d'intégration de l'home dans l'Univers"*, inédito, pp. 10-26. do 23. vol. da série *"Le Monde en dérive"*; 0/11/I. parte; 0/13/171-174.; *Cuénot:* Nouveau Léxique Teilhard, éd. du Seuil, Paris, 1968, pp. 168-169.

(9) O leitor recebe aqui um breve resumo do XVIII. volume da série *"Le monde en dérive"*, 102 pp. dact., São Paulo, 1970 e 1977; das apostilas universitárias (pp. 28-34.) do *Fenômeno Humano* e as pp. 225-227. do livro *Deus ou nada*, Ed. Paulinas, São Paulo, 1975. — Sobre as "provas" teilhardianas da existência de Deus: pp. 289-311. do mesmo livro; e também a nossa "sexta via de casibus": pp. 308-310.